



COLÔMBIA: CONFLITO E VIOLÊNCIA ARMADA ANTES DO ACORDO DE PAZ DE 2016

Uma multiplicidade de atores estão envolvidos no conflito colombiano. Analisar a gênese e evolução destas organizações, bem como as suas dinâmicas internas e as relações de aliança, competição e confronto é fundamental para apreender a complexidade das dinâmicas de conflitualidade e violência armada na Colômbia.

O ciclo histórico de violência que conduziu ao nascimento do Estado colombiano – como hoje o conhecemos¹ –, tem a sua gênese na criação, nos finais do séc. XVIII, do *Movimiento Anticolonialista y de Liberación Nacional*, como resposta ao sistema colonial europeu (López, 1978; Kline 1983; Guzman, Borda & Luna, 1962).

Após a eclosão do processo de independência, em 1819², a Colômbia experienciou um fluxo contínuo de conflitos internos – disputas políticas, guerra civil, bandoleirismo, repressão militar –, visando a hegemonia política, entre liberais e conservadores, e a posse e domínio das terras; no dealbar do século XX, aquela que ficou conhecida como a “Guerra dos Mil Dias” [1899-1902] terá causado mais de 100 mil vítimas (Santos, 2019; Kline, 1983).

La Violencia

No decurso das primeiras décadas do século XX, persistia um clima de violência entre facções partidárias, envolvendo motivações políticas, mas também de índole social e económica, como forma de luta contra as desigualdades sociais, particularmente na distribuição e posse das terras.

O assassinato de Jorge Eliécer Gaitán, em 9 de Abril de 1948, agravou a situação, pois a sua morte provocou uma violenta explosão de revolta popular, estendendo-se a várias regiões do país – que ficaria inscrita na História da Colômbia como *El Bogotazo* –, seguida de uma repressão implacável por parte dos governos conservadores que tinham regressado ao poder em 1946 (Arias Trujillo, 2011).

Não tardaria muito que a ditadura militar instituída por Gustavo Rojas Pinilla (1953-1957) esteirasse a revolta campe-

sina e estudantil, que viria a consagrar o período conturbado que se seguiria, e que ficou conhecido por *La Violencia*, não obstante as “supostas bondades da ditadura do General Rojas” (Beltrán Villegas, 2019).

A radicalização política emerge com o sucesso da Revolução Cubana, e vários grupos aderiram, tácita ou explicitamente, à luta armada, que consideravam a única forma de combater o regime.

A *Frente Nacional* (1958-1974) foi um acordo político entre as principais forças partidárias – Partido Liberal e Partido Conservador –, as quais governaram, alternando a presidência, os destinos do país, numa representação paritária de cargos políticos e de administração do Estado. Frequentemente contestada – quer quanto à sua legitimidade, quer quanto à sua manutenção –, em particular pela *intelligentsia* colombiana, a *Frente Nacional* foi vista pela maioria como o instrumento que colocou fim à ditadura de Gustavo Rojas Pinilla (1953-1957), instituída através de golpe-de-estado militar, restabelecendo assim o “primado da Constituição”, ainda que tenha acentuado a exclusão e assimetrias políticas e sociais (García, 2009; Paredes & Díaz, 2007).

Neste contexto de violência generalizada, a década de 1950 foi terreno fértil para a criação de movimentos de guerrilhas armadas, minimamente organizadas. O Partido Comunista da Colômbia parece ter desempenhado um papel

fulcral na sua implementação e treino militar. O seu emprego, qual tática militar, encontra raízes, em 1781, na *Re-vuelta de los Comuneiros*, liderada por José Antonio Galán, e cujo juramento ficou inscrito para a História: “Em nome do Deus dos meus antepassados e da liberdade, nem um passo atrás. Sempre em frente e o que for necessário, seja” (Guzman, Borda & Luna, 1962, p. 138).

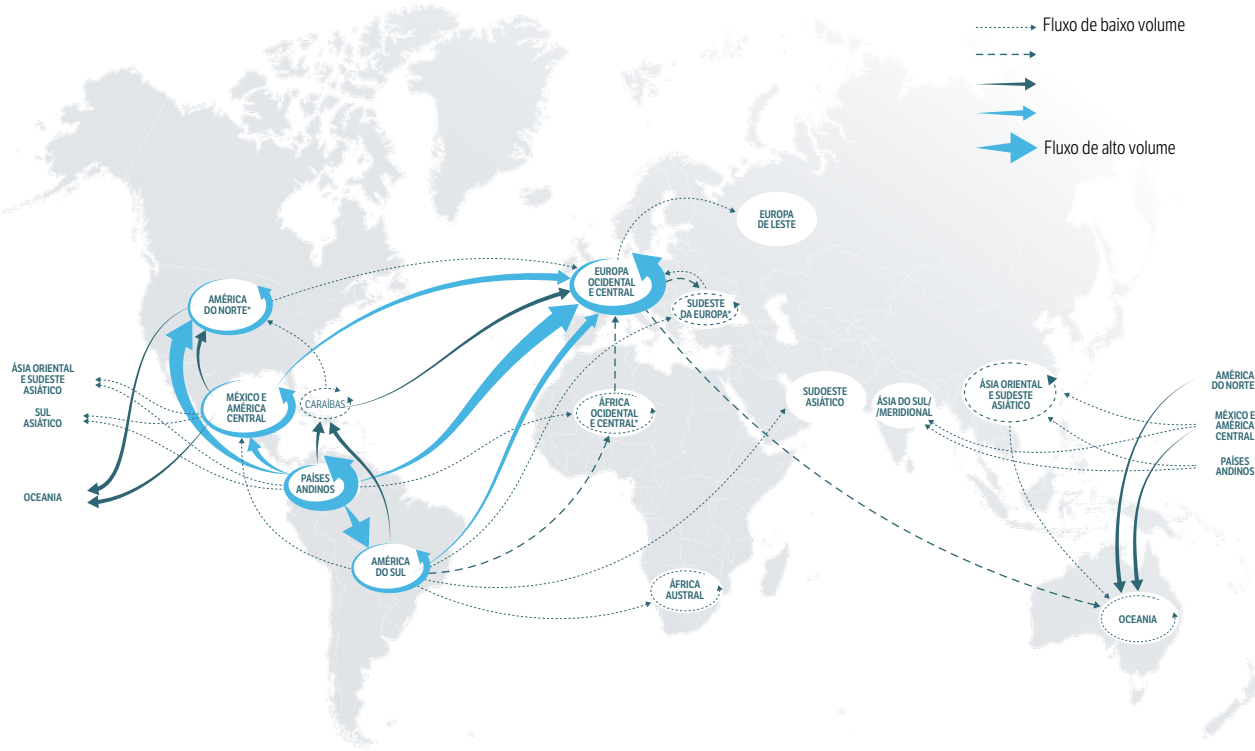
FARC-EP³, M-19, ELN

A radicalização política emerge com o sucesso da Revolução Cubana, e vários grupos aderiram, tácita ou explicitamente, à luta armada, que consideravam a única forma de combater o regime. Rejeitavam o Partido Comunista, ou as FARC (*Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia*), que acusavam de subordinação ao primeiro. Em meados dos anos 1960 foram criadas duas organizações guerrilheiras: o *Ejército de Liberación Nacional* (ELN), pró-cubano, e o *Ejército Popular de Liberación* (EPL), de matriz marxista-leninista e maoísta. No início da década de 1970, nasce o *Movimiento 19 de Abril* (M-19), que apelava ao nacionalismo popular. Durante vários anos, estes movimentos permaneceram confinados às zonas periféricas, não logrando a consolidação militar, ou sequer perturbar o regime. Em 1982, surge a primeira organização paramilitar – o *Muerte a Secuestradores* (MAS), liderada por Pablo Escobar e o Cartel de Medellín (Pécaut, 2019, pp. 86-87).

Lewis Tambs, Embaixador dos EUA na Colômbia (1983-1985), e alvo de ameaças de morte por parte de vários narcotraficantes (em particular, Pablo Escobar) devido aos pedidos de extradição para os EUA de traficantes colombianos, denominou esta “aliança, entre grupos guerrilheiros e grupos paramilitares, de *narcoguerrilla*” (cit. em Castillo,

FIGURA 1. PRINCIPAIS ROTAS DE TRÁFICO DE COCAÍNA (2020-2023). FLUXOS ESTIMADOS COM BASE NAS APREENSÕES REGISTRADAS.

Nota: *América do Norte, excluindo o México. Sudeste da Europa, incluindo a Turquia.
Fonte: United Nations Office on Drugs and Crime (UNODC). 2025.



Os “sindicatos da cocaína” contrataram exércitos privados bem armados para proteger laboratórios, rotas de abastecimento e envios de cocaína, contra tentativas de extorsão de grupos como as FARC e o ELN.

1987, p. 233). Tams parecia prenunciar a complexa teia de alianças, corrupção e influências estabelecidas, por e entre grupos guerrilheiros, paramilitares e agentes estatais, como variáveis que seriam determinantes no conflito armado que sucederia por décadas. O domínio territorial, e os canais de produção, armazenamento, transporte e distribuição da cocaína provocaram um rasto de conflitos violentos que causaram elevado número de vítimas.

Os grupos guerrilheiros defendiam o derrube e transformação do Estado. Gradualmente, as FARC e o ELN, as maiores

e mais bem estruturadas organizações armadas da Colômbia, afirmaram o seu poder e reivindicaram mais território, gerando uma crise política do Estado e acentuando o sentimento de “soberania fragmentada” (Gill, 2016, p. 17).

Manwaring (2002; 2010, p. 67) consagra a ideia de “trindade profana”⁴, criando “um Estado virtual dentro do Estado, e um Estado-fantasma entre os Estados”; esta trindade já havia sido proposta por Kaplan (2000) e Lee (1990). Lee refere que nos finais da década de 1990, as FARC exerciam controlo político e militar de zonas de cultivo e produção de cocaína, cobrando taxas de 10-15%, quer a cultivadores, quer a àqueles encarregues de processar e produzir pasta de cocaína. Em resposta, os “sindicatos da cocaína” contrataram exércitos privados bem armados para proteger laboratórios, rotas de abastecimento e envios de cocaína, contra tentativas de extorsão de grupos como as FARC e o ELN (Lee, 1990, p. 166).

Segundo Gentry & Spencer (2010), as FARC foram criadas em 1964 como grupo insurgente rural, afiliado ao Partido Comunista da Colômbia (PCC), que em-

preendeu a luta armada em defesa das populações rurais pobres. Vigilância e controlo recíprocos, entre FARC e PCC, levaram à criação de apêndices políticos – como a *Unión Patriótica* (UP) ou o *Partido Comunista Clandestino Colombiano* (PCCC) –, resultado de divergências doutrinárias e quanto às formas de luta. Segundo Ríos (2017), “las FARC toman el ataque sobre la República de Marquetalia del 27 de mayo de 1964 como su mito fundacional”, tendo em 1966 adoptado a denominação FARC e, em 1982 – por ocasião da *VII Conferencia Guerrillera* –, adicionado a sigla EP (*Ejército del Pueblo*), numa referência explícita ao marxismo-leninismo-castrismo que esteiram a sua matriz político-ideológica.⁵

Para Gentry & Spencer (2010, p. 457-460), as FARC são uma organização eminentemente militar. A sua unidade básica é a “Frente” – de base geográfica e orientação tática, composta por pequenas unidades de combate que conduzem operações militares segundo diretrizes do Comando Central. A unidade básica da Frente é a Companhia, que integra Esquadras e UTC –

Unidades Táticas de combate; duas ou mais Companhias constituem uma Coluna; as Frentes, por sua vez, estão organizadas em Blocos e dois Comandos Conjuntos: o Secretariado e o Estado-Maior-Central, cabendo ao primeiro as orientações estratégicas e operacionais dos Blocos.

O Secretariado reportava ao Estado-Maior Central (EMC) sempre que as FARC planeavam uma ação armada, e era responsável por orientar os Blocos quanto à tática e tipologia de alvos, primários e alternativos, a executar (Ferro & Uribe, 2002; Gentry & Spencer, 2010; Márquez, 2020).

Em termos organizacionais, as FARC apresentam uma estrutura hierárquica piramidal, modelo castrense. Contudo, e ao invés do suposto comando vertical, Gentry & Spencer (2010, p. 459) referem vulnerabilidades ao nível da liderança estratégica e operacional:

“FARC’s command structure reflects the strong personalities of its leaders, Latin American political culture, and a lack of rigid command hierarchies or doctrinal command and control relationships within FARC – traits that provide some operational strength but also generate weaknesses and potentially exploitable vulnerabilities. The unusually decentralized system works because of organizational discipline and the personal relationships that senior leaders have with each other”.

De acordo com Gutiérrez & Thomson (2020), *“the more involved a rebel group is in the illicit drug industry, the less political it becomes”*. Para os autores, o envolvimento das FARC no narcotráfico alternou, em momentos diferentes, entre a preponderância do fator político-doutrinário e os proventos econômicos que visavam o seu financiamento e subsistência.

O *Movimiento 19 de Abril* (M-19) foi formado em 1974 por Jaime Bateman Cayón, Antonio Navarro Wolff e Carlos Toledo Plata. Ficou conhecido pelos seus ataques contra empresas multinacionais, embaixadas estrangeiras, e raptos com pedido de resgate. Em Novembro de 1985, o M-19 atacou o Palácio da Justiça, com vista à destituição do presidente Betancur. A resposta improvisada e amadora do Exército terminou em tragédia, resultando na morte de dezenas de pessoas, inclu-

do metade dos membros do Supremo Tribunal (González, 2010; MMP, 2015; Pécaut, 2019).

A génese dos grupos paramilitares na Colômbia remonta ao final da década de 1970, quando pequenos grupos de autodefesa surgiram na região de Magdalena Medio, com o objetivo de enfrentar as guerrilhas campesinas e colaborar com o exército nos esforços da contraguerrilha.

Em 1989, o grupo tornou-se um partido político e passou a denominar-se *La Alianza Democrática M-19* (AD M-19), extinguindo-se pouco tempo depois.

O ELN é o último grande grupo guerrilheiro da Colômbia e uma das organizações criminosas mais poderosas da América Latina. Mais recentemente, estendeu a sua área de operações à Venezuela, tornando-se uma “guerrilha binacional” (Medina Gallego, 2019; In-Sight Crime, 2024). Fundado nos anos 1960, e claramente influenciado pela Revolução Cubana, onde grande parte dos seus membros recebeu treino de guerrilha, só em 1964 se constituiu como grupo guerrilheiro armado. Em 7 de Janeiro de 1965, sob o comando de Fabio Vásquez Castaño, efetuou o seu primeiro ataque, em Simacota, data que assinala oficialmente a sua criação.

Recusando no início envolver-se no tráfico de droga, constitui hoje um dos expoentes do narcotráfico internacional. Calcula-se que integre cerca de 6.000 combatentes, sem contar com uma rede de “milicianos” infiltrados, quer na população colombiana, quer na venezuelana, embora os objetivos que prossegue em cada país sejam distintos: na Colômbia, um confronto insurgente com o Estado e grupos armados antagónicos; na Venezuela – considerada a maior organização criminosa a operar

na fronteira colombo-venezuelana –, como força paramilitar, apoiada por, e de apoio, ao governo de Nicolás Maduro (Villamarín, 1973; InSightCrime 2024). O ELN está implantado em 231 municípios, de 19 dos 32 departamentos da Colômbia, e em 8 dos 24 estados da Venezuela; apresenta uma estrutura de comando federada, dependente de um Comando Central (COCE), a quem cabe a coordenação entre as Frentes e o processo de tomada de decisão (Jahn, 2025).

Grupos paramilitares

A génese dos grupos paramilitares na Colômbia remonta ao final da década de 1970, quando pequenos grupos de autodefesa surgiram na região de Magdalena Medio, com o objetivo de enfrentar as guerrilhas campesinas e colaborar com o exército nos esforços da contraguerrilha. Em 1982, em Puerto Boyacá, foram criadas as bases do que viriam a ser as *Autodefensas Unidas de Colombia* (AUC): exércitos privados, em cooperação estreita com as elites locais, regionais e nacionais (Ríos, 2017; Insight Crime, 2024). As AUC foram criadas com a missão de controlar e deter a expansão de grupos *guerrilleros de izquierda*. Foram membros fundadores, os irmãos Fidel Castaño (1951-1994), alias Rambo; Carlos Castaño (1965-2004), alias el Comandante, e José Castaño (1957-2007), alias El Profe (Manwaring, 2002).

BACRIM, ou *Bandas Criminales*, é o termo genérico utilizado pelo governo colombiano para designar organizações criminosas que surgiram após a desmobilização das AUC, em 2006. As BACRIM mais proeminentes são *Los Urabeños*, *Los Rastrojos*, *Los Puntilleros* e o ERPAC - *Ejército Revolucionario Popular Antiterrorista Colombiano*. Ao invés das AUC, embora dela quase todos “descendentes”, as BACRIM não têm objetivos políticos e cooperam, não raro, tanto com grupos guerrilheiros, como com organizações de narcotráfico (MMP, 2019).

As *Autodefensas Gaitanistas de Colombia* (AGC) – também conhecidas por *Gaitanistas*, *Clan del Golfo* e *Urabeños* – emergem na sequência da extinção de inúmeras estruturas paramilitares colombianas. Vicente Castaño, em 2006, rejeitou o processo de desmo-

bilização das AUC e criou uma unidade paramilitar autônoma. O seu atual líder, Jobanis de Jesús Ávila, *alias* Chiquito Malo, foi incluído em 2023 na “lista Clinton” dos EUA, dado as suas conexões com o Cartel de Sinaloa (Cambio Colombia, 2023; Máseri, 2023; Insight Crime, 2025).

Síntese conclusiva

Procedemos à análise, diacrónica e sincrónica, da multiplicidade de atores envolvidos no conflito colombiano com vista a, por um lado, conhecer a génese e evolução histórica de cada uma das organizações envolvidas; por outro, perceber, num dado momento e contexto, as relações de aliança, cooperação, competição e confronto, quer entre estas, quer no seu interior, em disputas violentas pela sua liderança. Amiúde, intervém um outro ator, assaz fundamental neste processo relacional: o Estado colombiano. Como postulou Manuel Jose Arce (1830, p. 9) nas suas *Memorias* – militar e liberal salvadoreño, primeiro Presidente (1825-1829) da *República Federal de Centroamérica* –, “*Las Fuerzas (Armadas) eran mi objeto predilecto, porque Nación que no puede defenderse, subsistirá mientras otras la dejen subsistir*”. Uma verdade perene... ●

Notas

- ¹ Sofrendo sucessivas (re)denominações, face a inúmeros processos de aliança, integração ou cisão com outras entidades político-geográficas: *Vice-reino de Nueva Granada* [1717-1809], *República de Gran-Colombia* [1819], *República de Nueva Granada* [1830], *Confederación Granadina* [1858], *Estados Unidos de Colombia* [1863], até à atual denominação de *República de Colombia* [1866]; Cf. Restrepo (1992); Davis (1977, pp. 1-41).
- ² Por referência à emancipação de *Nueva Granada* do jugo do Império Espanhol, então firmada pela “Campanha de Libertação” de Simón Bolívar.
- ³ Adiante, referida apenas por FARC.
- ⁴ Para além das FARC-EP e ELN, completam esta “trindade” as *Autodefensas Unidas de Colombia* (AUC), mais tarde renomeadas de *Autodefensas Gaitanistas de Colombia* (AGC) ou *Clan del Golfo*.
- ⁵ Para Ríos & Azcona (2019, p. 83), a par do *Sendero Luminoso*, no Peru, e da *Frente Farabundo Martí de Libertación Nacional* (FMLN), em El Salvador, estamos perante o grupo guerrilheiro com maior capacidade militar, implantação territorial e legitimidade popular, especialmente nas zonas rurais e periféricas do país.

Referências

- Arce, M. J. (1830). *Memoria: De la Conducta Publica y Administrativa*. Imprenta de Galvan.
- Arias Trujillo, R. (2011). *Historia de Colombia contemporánea (1920-2010)*. Ediciones Uniandes.
- Beltrán Villegas, M. A. (2019). La dictadura de Rojas Pinilla (1953-1957) y la construcción del “enemigo interno” en Colombia: el caso de los estudiantes y campesinos. *Revista Universitaria de Historia Militar*, 8(17): 20-47. <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7444955.pdf>
- Cambio Colombia (2023). Chiquito Malo, máximo líder del Clan del Golfo, fue incluido en la lista Clinton, 26 Septiembre. <https://cambio colombia.com/conflicto-armado-en-colombia/chiquito-malo-maximo-lider-del-clan-del-golfo-fue-incluido-en-la-lista>
- Castillo, F. (1987). *Los Jinetes de La Cocaína*. Editorial Documentos Periodísticos.
- Davis, R. H. (1977). *Historical Dictionary of Colombia*. The Scarecrow Press.
- Ferro, J. G., y Uribe, G. R. (2002). *El orden de la Guerra: Las FARC-EP entre la Organización y la Política*. Centro Editorial Javeriano.
- García, E. M. (2009). El Frente Nacional y su naturaleza antidemocrática. *Revista Facultad de Derecho y Ciencias Políticas*, 39(110): 157-184. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=151412842007>
- Gentry, J. & Spencer, D. (2010). Colombia's FARC: A Portrait of Insurgent Intelligence. *Intelligence and National Security*, 25(4): 453-478. <http://dx.doi.org/10.1080/02684527.2010.537024>
- Gill, L. (2016). *A Century of Violence in a Red City: Popular Struggle, Counterinsurgency, and Human Rights in Colombia*. Duke University Press.
- González, E. P. (2010). *La Tragedia del Palacio de Justicia: Cúmulo de Errores y Abusos*. Editorial Oveja Negra.
- Gutiérrez, J. A. & Thomson, F. (2020). Rebels-Turned-Narcos? The FARC-EP's Political Involvement in Colombia's Cocaine Economy. *Studies in Conflict & Terrorism*. <https://doi.org/10.1080/1057610X.2020.1793456>

- Guzman, G., Borda, O., and Luna, E. (1962). *La Violencia en Colombia*, Vols. I e II. Editorial Iqueima.
- InSight Crime (2024). Autodefensas Unidas de Colombia (AUC), 11 Junio. <https://insightcrime.org/es/noticias-crimen-organizado-colombia/auc-perfil/>
- InSight Crime (2024). Ejército de Liberación Nacional (ELN), 18 Junio. <https://insightcrime.org/es/noticias-crimen-organizado-colombia/el-n-colombia/>
- InSight Crime (2025). Los Gaitanistas – Clan del Golfo, 18 de marzo. <https://insightcrime.org/es/noticias-crimen-organizado-colombia/urabenos-perfil/>
- Jahn, O. (2025). “New bloody guerrilla clashes in Colombia: FARC and ELN fight fierce battles in the northeast”. *Defense Magazine*, 31 Enero, <https://www.defensemagazine.com/article/colombia-war-farc-eln>
- Kaplan, R. D. (2000). *The Coming Anarchy*. Random House.
- Kline, H. F. (1993). *Colombia: Democracy Under Assault*. Routledge.
- Lee, R. W. (1990). *The White Labyrinth: Cocaine and Political Power*. Transaction Publishers.
- López, J. O. (1978). El proceso político, militar y social de la Independencia. In Schrader, C. [coord.]. *Manual de Historia de Colombia*. Planeta Colombiana Editorial.
- Manwaring, M. G. (2002). Non-State Actors in Colombia: Threats to the State and to the Hemisphere. *Small Wars & Insurgencies*, 13(2):68-80. <http://dx.doi.org/10.1080/09592310208559182>
- Manwaring, M. G. (2010). *Gangs, Pseudo-militaries, and Other Modern Mercenaries: New Dynamics in Uncomfortable Wars*. University of Oklahoma Press.
- Mapping Militants Project (MMP). “April 19 Movement”, August 2015. <https://mappingmilitants.org/node/330>
- Mapping Militants Project (MMP). “Bandas Criminales.” Last modified August 2019. <https://mappingmilitants.org/node/347>
- Mapping Militants Project (MMP). “Revolutionary Armed Forces of Colombia”, July 2019. <https://mappingmilitants.org/node/508>
- Máseri, S. G. (2023). EE. UU. incluye a alias ‘Chiquito Malo’, jefe del ‘clan del Golfo’, en la lista Clinton, 26 Septiembre. <https://www.eltiempo.com/mundo/eeuu-y-canada/ee-uu-incluye-a-alias-chiquito-malo-lider-del-clan-del-golfo-en-la-lista-clinton-809742>
- Medina Gallego, C. (2019). *Ejército de Liberación Nacional: Historia de las Ideas Políticas (1958-2018)*. Universidad nacional de Colombia.
- Paredes, Z., Díaz, N. (2007). Los orígenes del Frente Nacional en Colombia. *Presente y Pasado, Revista de Historia*, 12(23):179-190. <http://erevistas.saber.ula.ve/index.php/presenteypasado/article/view/14353>
- Pécaut, D. (2019). *Modernización y enfrentamientos armados en la Colombia del siglo XX*. Editorial Universidad del Valle.
- Restrepo, C. (1992). Las primeras constituciones políticas de Colombia y Venezuela. *Ayer*, 8: 75-146. <http://www.jstor.org/stable/41324236>
- Ríos, J. (2017). *Breve Historia del Conflicto Armado en Colombia*. Libros de la Catarata.
- Ríos, J. y Azcona, J. M., coord. (2019). *Historia de las guerrillas en América Latina*. Libros de la Catarata.
- Villamarín, L. A. (1973). *Operación Anorí 1973. Derrota militar del ELN: Muerte de Antonio y Manuel Vásquez Castaño*. Ediciones Luis Alberto Villamarín Pulido.